

Festas Nicolinas



O Pregão de S. Nicolau



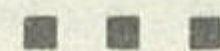
Recitado em

5-12-1958

pelo estudante do liceu de Guimarães

Fernando de Sousa Gomes Alves

Calem-se de Calliope os rasgos de eloquência
Que Minerva, mais alto, em brados de Ciência,
Sabedoria e Arte, à rude gente ensina
A funda tradição da festa Nicolina
E diz, solene, à grei, do mastro mais gigante,
Que a festa a Nicolau sòmente é do Estudante.
Todo o futrico, pois, remediado ou rico,
Não tem entrada aqui, aqui não mete bico...



S. Nicolau, quem manda?... É a Ordem de Escolares:
Findou teu patronato à Rússia dos Tsares...
Em Myra foste Bispo, ó Santo Protetor,
Tu és toda a nossa alma, o nosso grande amor.
Por ti, sabes lá bem, a nossa devoção!
Trazesmo-te abraçado ao darmos a lição...
À nossa cabulice, ó quantas vezes, quantas,
Tu das repreensões, mas com palavras santas,
E fazes que não vês, simulas bem de cego,
Ao ver-nos a correr com livros para... o prego...
Que luta, ó nosso Santo, ingente e espinhosa:
Frigirmos a cachola à caça da raposa!...
Tu hoje és todo nosso .. a estepe é longe, é gelo...
Vê tu a Nossa Terra: o sol é de oiro, é belo!...



Maldita a vil doença, a hórrida trombose,
Que derrubou a Vida ao Santo Pio Dose.
É de luto pesado a Crente Humanidade.
— Ele encarnou Jesus na Paz-Fraternidade.



Ó Sábios Inventor's de engenho ingente e forte:
Quando é que inventareis a supressão da morte?...
Pensai, pensai na Bomba, Homens de Génio e Nome,
Na Bomba Coração que há-de matar a fome.
...
Não crês no Urso Branco?... Arranja, presto, embarque...
— Rumo duro, cruel, do grande Pasternak.



Que estranha aparição!! Olhai o Céu, olhai-o:
Aqueles olhos são os olhos do Sampaio
A olharem com saudade, a olharem com tristeza,
A festa que ele amou na mais astral beleza.
Ó grande sonhador, romântico galante,
Tu que foste na verve o último estudante,
Diz ao Bráulio, ao Roriz, diz ao Arnaldo, ao Meira,
Aos Velhos que aí são, que são à tua beira,
Que embora, hoje modesta, a Nova Geração
Não deixará tombar a Velha Tradição.



Formosa Guimarães, ó nossa Mãe Velhinha:
Cá somos a beijar-te a face enrugadinha.
Por longos anos foste abandonada, é certo,
Enquanto a tal vizinha, aquela de ti perto,
Tinha farto o bornal de tudo que pedia...
...
A noite já se foi... Levanta a frente... É dia!
...
Tu olha a este sol o Parque da Cidade
E o Parque do Castelo, os dois na orfandade!!...
Estende a tua vista, abre os teus olhos, Mãe,
E vê-os mudos, sós, na terra de ninguém...
Teus Monumentos, vê, o garotio, á solta
À solta os enxovalha — ó céus, isto revolta!
Por vezes sem temer a repressão dos guardas!...
— Ó zeladores, alerta!... — Ah! esses... zelam fardas...

Tu vê, ó Terra Mãe, repara, toma tento
Nesta higiene sã, no teu saneamento,
Tua limpeza sem resquícios de escorrências,
Que até os almeidas são tratados de excelências!...

■ ■ ■

A célebre balança, a do Toural, coitada,
Pede ao povo perdão d'alguma falta dada
E diz que, às vezes é, no sério maquinismo,
Secura, falta de óleo, ou mal de reumatismo...

Dois Grandes vão entrar no bruhá há da liça:
Um matará a fome à fome de justiça,
O outro, embora nédio e farto e mezureiro,
Não matará a fome à fome de dinheiro...

Quem é que diz, quem diz que a Rua cheira mal,
Santa Maria a jóia antiga, a ancestral?!...
Lavaí com lide ou homo as casas, as fachadas,
E sentireis o cheiro a rosas perfumadas...
Olhai vossas Avós branquinhas de limpeza!
Toda a velhinha, assim, é um cravo de beleza!

Já é a laborar a fábrica dos Autos,
Dos tais aonde heis de ir, ó típicos incautos,
Na mais franca união, em ricas passeatas,
Comer o bom carneiro assado com batatas...

Altiva Mumadona: aquele teu Terreiro
Assim ajardinado, a ervas de lameiro,
Que belo pasto dava a cabras magricelas,
Que bela engorda dava a tísicas vitelas!!...

Há tempos a Alameda à inércia deu despacho...
Mas quando findará o disco-bota-abaixo?!...

Paredes do Quartel, quando heis-de ser erguidas?!...
— Que Deus vos tire ao rol de ofertas esquecidas... —

O rio que fazis a festa a S. João
— Minha Santa Luzia ampara-me a visão —
Agora de canudo (e que canudo estreito!)
Não pode ver de perto o seu saudoso leito...

Descalços tantos pés avançam leves, mudos...
— É o calçado uzual dos sem-trezentos-scudos... —

Entrou em gestação o Estádio da esperança...
Nove meses de calma... Ele virá de França...

Seu moço, seu Vitória, então como é que está?...
Aperte os ossos meus... Você não é di lá
Embora com feição de luso-brazileiro...
Você dá passo em frente, e é que está gingueiro!...
Você, quando si foi primeira divisão,
Que festa você teve em viva reinação!!...
Que grossa multidão em grita acalorada!!...
Que tempo que passou para ficar... delgada!!...

Diz-se pra aí, o diz-se é prato assaz barato,
Que o Palácio Ducal — talvez seja boato —
Do seu encantamento alfim se vai quebrar
P'ra em S. Domingos ver se a Obra é de acabar...

De topo, quem a topa, é uma importante escola
Mas tem o seu senão que a vista desconsola...
... Eu que não vejo bem, vê tu se descortinas
De onde se podem ver as suas oficinas...

Mais luz, queremos luz... Há ruas na cidade
De apagadas que são, que até nos dá vontade
De ouvir cantar o fado, o de alma nacional,
Ou lúgubre canção de luto sepulcral!...

O nosso Rei Afonso, ao longe, aposentado,
Diz que se sente bem, sereno, conformado,
Nesse ermo de audições as mais harmoniosas,
Que, ali, não é um Toural de línguas venenosas!...

Mortos da Guerra... e vós?... E tu, ó Gil Vicente?...
— O lume entusiasmo é da lareira ausente...

A Penha, a nossa Penha, é um mimo de asseada!
Mas, para lá chegar, que longa é a caminhada!!...
Quando hás-de garantir um bom transporte à gente?!...
Quando hás-de ter hotel, mas um hotel decente
Com máximo conforto, e com limpeza à vista,
Que não faça enjoar a bolsa do turista?!...
Protesta do teu alto, ergue essas mãos, 'strebuchal...
Se não te ouvirem, Penha, então recorre à bruxa...

Caixeiros, que tristeza!... O S. Gualter chorou
Na sua Grande Noite ao ver que lhe faltou
A vossa bicharada, a vossa alacridade...
As festas foram lá as festas da Cidade!!...
— Apenas um arranjo, arranjo tuta-e-meia
De festas da Cidade em festa numa aldeia... —

■ ■ ■

De vós eu não me esqueço, ó moiras dos teares...
Que a urdideira urda o pão dos vossos lares:
O trabalho afugenta a molenguice, o sono...
Produzi, trabalhai... Vós tendes o abono,
As largas excursões, os bairros mais baratos,
Vós tendes a reforma, a mão dos sindicatos...

Bravo!... que grande luxo, ó magas do dedal!...
As vossas bocas são papoilas de ideal
Capazes de endoidar o mais taful nababo!...
Que é isso em vossas mãos?!... São unhas de diabo?!...
— É o demo imitação a dar-vos volta ao caco...
Agora só vos falta a vestidura em saco...

■ ■ ■

Deixai por momento a faina estudiosa:
Nós temos que cumprir obrigação formosa
Ali, Naquela Casa, à Rua Paio Galvão,
Beijar ao Professor a sua froixa mão.
Vinde todos de aí, que o Santo Zé de Pina
Abençoará, em nós, a festa Nicolina.

■ ■ ■

Vós, Orquídias Gentis da Alta Fidalguia,
Vós, Rosas Virginais da Honrada Burguesia:
Irmanadas sereis na gentileza leve
Das Maçazinhas de Oiro em vossas Mãos de Neve.
Senhoras, recebi a dádiva de amor
Dos nossos corações de mocidade em flor.

■ ■ ■

Caloiros de Minerva, ó jovens lusitanos:
A'lerta!!... que eu já vejo em linha os marcianos
Descidos de milhões de discos voadores!...
Que rujam com fragor zabumbos e tambores,
Que o próprio espaço trema e, assombrado, fique
Vomitando até nós a laica e o Sputnik...

DELFIN DE GUIMARÃES